



PIBID: POSSIBILIDADES E PROBLEMAS NO ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA PÚBLICA DO PARANÁ

Maria Fernanda Voinarovicz ¹

Patrícia de Campos Bida ²

Maria Vitória Cristina Dingueleski ³

Samuel Rosa da Silva Xavier de Almeida ⁴

Angela Ribeiro Ferreira ⁵

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) proporciona uma experiência muito preciosa aos alunos dos cursos de licenciatura. Na formação de futuros professores a possibilidade de observar e praticar os desafios e possibilidades da educação pública, é muito rica e complementa os estudos teóricos do curso.

Em sala temos contato com importantes questões sobre educação, com os textos lidos nas disciplinas. Na experiência docente, as leituras ganham novos sentidos. Norteiam a ação na escola, e servem de apoio para construirmos a cada experiência, o professor que queremos ser. Cientes da impossibilidade de separar a teoria da prática, e de que ser bom professor não é um dom, mas sim fruto de muito estudo, dedicação e resistência de diferentes maneiras e muitos fatores que afetam a educação. Compreendemos a importância do PIBID na formação dos alunos que participam deste programa. Para construirmo-nos como docentes devemos ter claro os nossos objetivos e uma base teórica de reflexões sobre a atuação docente. Para este fim, é válida a compreensão do conceito de “pedagogia engajada”, esta dá ênfase ao bem-estar, segundo Bell Hooks (2017, p.28) “Isso significa que os professores devem ter o compromisso

¹Graduanda do Curso de História, Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, mariafernandavoinarovicz@gmail.com

²Graduanda do Curso de História, Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, patriciacamposbida@gmail.com

³ Graduanda do Curso de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, dingueleskihm@gmail.com

⁴Graduando do Curso de História, Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, samuel11almeida2001@gmail.com

⁵ Professora orientadora: Doutora em Educação, Curso de História - UEPG, angelarf@uepg.br



ativo com um processo de autoatualização que promova seu próprio bem-estar.”. Apenas desta forma poderemos proporcionar uma formação libertadora, aos alunos, pois se o professor não está bem no ambiente escolar, não poderá ser o melhor para seus alunos.

O professor não é um objeto, que só tem a função de explicar alguns slides prontos, como tem sido imposto aos docentes do Paraná. A educação não é uma atividade de transmissão do conhecimento, como uma linha de produção, como na educação bancária que, como argumenta Bell Hooks (2017, p. 25), é uma “abordagem baseada na noção de que tudo o que os alunos precisam fazer é consumir a informação dada por um professor e ser capaz de memorizá-la e armazená-la”.

Como Bell Hooks, acreditamos que devemos ensinar para a liberdade, pois o trabalho do professor não é apenas compartilhar informações, está muito além disso. A educação para a liberdade é um jeito de ensinar que todos podem aprender, pois, a educação só é libertadora quando todos adquirem o conhecimento.

Um empecilho para que isto ocorra é a objetificação do professor. O modelo de educação bancária, faz parecer que o professor deve se desprender de suas experiências, tornando-se um ser neutro. Separando público de privado, apagando práticas da vida, hábitos, só a função docente é importante na escola. Como poderíamos deixar de ser quem somos, para virarmos "robôs que transmitem conhecimentos?" O professor não pode desprender-se de quem é, as experiências ligam, conectam, observamos isso na vivência em sala de aula. É vital sobretudo termos consciência que:

Todos nós, na academia e na cultura como um todo, somos chamados a renovar nossa mente para renovar as instituições educacionais - e a sociedade- de tal modo que nossa maneira de viver, ensinar e trabalhar possa refletir nossa alegria diante da diversidade cultural, nossa paixão pela justiça e nosso amor pela liberdade. (HOOKS, 2017, p. 50)

Bell Hooks, em seu livro “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade” conta que frente aos problemas que se deparava na educação, inspirou-se a continuar na luta pela educação que acreditava, após conhecer as "teorias" de Paulo Freire. Assim como Bell Hooks, desejamos manter o entusiasmo, pela educação. Seguir em busca da educação libertadora que cremos, e em nos tornar professores que libertam. Para esse objetivo o PIBID se fez uma porta, nós vimos como professores e não vimos apenas desafios. Vimos motivação,

a cada troca de afeto de conhecimento, com os alunos, professores e tantos outros elementos que formam a escola.

Na experiência da sala de aula, tendo acabado de sair do lugar de aluno (a) e iniciando a primeira como professor (a), há grandes diferenças que podem ser notadas. Desde a percepção que a aula é pequena demais, e não longa demais; como as disciplinas não exigem tanto quanto parecia ser; o modo como a falta de um professor e uma aula livre não é algo bom, mas a perda de conteúdo num currículo, onde tudo já é bastante resumido e forçado a caber no calendário escolar. Certamente, uma das experiências que o PIBID melhor pode proporcionar é observar como o ensino público vem perdendo e se tornando cada vez mais sucateado com iniciativas neoliberais. A individualidade do aluno não é respeitada. E isto é exatamente o contrário do que Paulo Freire observava numa educação de qualidade, num ensino libertador:

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 2002. p.21)

A ideia repassada por iniciativas do governo estadual, como citado, é totalmente diferente disso; tanto os diversos *quizzes*⁴ impostos aos alunos, as Provas Paraná, os conteúdos prontos em slides que professores devem repassar a alunos. Este é o melhor tipo de aprendizagem a se oferecer? Num ambiente que deixa claro que o importante não é o professor exercer a capacidade de seus alunos, mas sim, de uma estagnação e adaptação a sociedade e suas regras vigentes, sendo estas justas ou não?

Todo o conhecimento em si, como defende Paulo Freire, não é algo acabado. Por si, o ser humano é um ser inacabado, e o mundo é o que se deve adaptar às novas gerações, às novas demandas, às novas vozes que antes caladas, hoje são ouvidas.

⁴ Plataforma de perguntas e respostas na qual o estudante deve responder duas questões por aula, ou seja, de 10 a 12 questões por dia.

Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? [...] porque, dirá um educador reacionário e pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos. (FREIRE, 2002. p.15)

O ensino deve ser crítico, e deve ser libertador. O modo de ensino onde o aluno é pensado como um cliente, ou como um investimento em mão de obra, é algo abominável a ser combatido.

Em nossas experiências em sala de aula, observamos como o acesso à internet obrigatório aos professores é prejudicial. Esses acessos ao Registro de Classe Online - RCO para fazer a chamada, acessar os slides que devem ser utilizados nas aulas, ou também para preencher o planejamento do dia, em turmas grandes com 40 ou mais alunos, onde cada minuto faz diferença na aprendizagem das crianças e adolescentes. Onde apesar das salas estarem equipadas monitores e câmera fotográfica, o acesso à internet da escola é falho e cabe ao professor utilizar seus próprios recursos como seu aparelho celular e sua própria internet.

O professor perdeu ainda sua liberdade de avaliação dos alunos, já que agora com as mudanças, 40% das notas trimestrais são reservadas obrigatoriamente aos *quizzes*. Vindos diretos da Secretaria de Educação do governo, sem nenhuma interferência dos professores. Além disso são prejudiciais também aos alunos, já que muitas vezes estes não possuem acesso à internet, e esses *quizzes* são elaborados para serem feitos em casa, onde os alunos deveriam ter seu tempo de lazer. É isso leva a notas baixas, pois o aluno acaba não fazendo por dificuldades com o acesso a plataforma ou por falta de vontade por estarem em casa.

Além de termos salas superlotadas, alunos e professores sobrecarregado. Temos ainda que lidar com algumas sequelas da pandemia do COVID-19. Com alunos que avançaram quase 2 anos na escola no ensino remoto sem saber o básico como escrever e ler. E com a lotação das salas os professores não conseguem dar a devida atenção que estes alunos despreparados precisam, e isso leva a reprovação e como consequência até a desistência, fatores já presenciados por nós em sala. E, ainda aqueles alunos com deficiências que necessitam de professor de apoio e não tem um profissional a sua disposição, e muitas vezes esse aluno fica à deriva em todas as aulas por falta de ação dos órgãos competentes.

Outro problema evidente que o excesso de tecnologia traz, é a perda do hábito da leitura e da escrita. Com as plataformas digitais, o aluno não precisa mais escrever uma redação a mão e muito menos procurar o texto para ler em um livro. Dentro das escolas podemos perceber essa falta, alunos do oitavo ano não consegue formular uma resposta completa, não conseguem justificá-la, palavras são escritas erradas e a letra é quase ilegível.

Todos esses problemas acarretam um desamino por parte dos alunos e principalmente por parte dos professores. O número de plataformas que o Estado obriga a usar é enorme e isso sobrecarrega o trabalho do professor e estressa o aluno, pois ao contrário do que se propõe, as atividades das plataformas não desenvolvem o pensamento crítico do aluno, elas só reproduzem o conhecimento repassado. Elas servem nada mais e nada menos para criar dados que posteriormente são transformados em indicadores para mostrar que a educação está progredindo.

Infelizmente, o novo ensino proposto pelo Estado coloca os alunos em posição de números. Enquanto estão fornecendo número para as estatísticas está tudo bem, mas quando o aprendizado não é bom e o resultado das plataformas não são boas, ao invés de melhorarem a condição do aprendizado para que a educação dos alunos melhore, o Estado propõe recuperação em cima de recuperação afim de recuperar o seu lugar nos índices e não para recuperar o aprendizado perdido do aluno.

Palavras-chave: Educação, educação pública, PIBID, problemas educacionais, formação de professores.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a professora Simone Almeida, que nos acolheu em suas aulas, compartilhando preciosos saberes docentes. Aos professores Angela Ribeiro Ferreira e Paulo Eduardo Mello, pela dedicação com o PIBID e por todos os saberes construídos.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, PAULO. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa”. São Paulo: **Paz & Terra**, 2002.
- HOOKS, BELL. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: **Editora Martins Fontes**. 2017.